

**ENTREVISTAS A ACTORES DO FUTEBOL AMADOR
SOBRE O ESTADO ACTUAL
DO FUTEBOL PORTUGUÊS**

O estado de “saude” do futebol português é sempre sujeito a debates entre o povo.

A falta de transparência em certos casos na elite faz com que a credibilidade deste desporto diminuisse ano apos ano. Mas mesmo com esses ditos casos, o futebol em Portugal continua a atrair e ainda bem.

Outra vertente do que se pode considerar um problema para a saude do futebol em Portugal é a falta de aposta nos jovens jogadores da formação por parte da grande maioria dos clubes. Na minha opiniao, continuando neste prisma durante mais tempo farà com que a seleçao Nacional fique cada vez mais enfraquecida.

Mais temas serao abordados, neste livro de entrevistas, por treindadores e preparadores fisicos, que na maioria atuaram ou atuem nos escaloes amadores do futebol português. Porque afinal a essência mesma do desporto-rei é o lado “desinteressado” dos que trabalham nas divisoes inferiores e que mais dificuldades atravessam, quer economicamente, quer animicamente.

Aqui fica retranscrito na totalidade os sentimentos e as opinioes destes homens que normalmente nao tem a possibilidade de se fazer ouvir... ou ler.

IGOR DIAS

Preparador físico, passou pela Uniao Desportiva de Leiria, Sporting Clube de Portugal B, Real Cartagena (Colômbia) e Recreativo Huelva (Espanha)

P: Para si, em que estado se encontra o futebol português?

R: Como defensor acérrimo da notabilidade do futebol português, naquilo que se traduz na qualidade das suas equipas, treinadores e jogadores, quero acreditar que temos um futebol transparente, focado unicamente em fornecer ao seu consumidor o espetáculo que este procura.

P: O que acha, mesmo assim, que se poderia melhorar no campeonato português a nível de competitividade?

R: A competitividade existente entre as equipas estará sempre relacionada com a qualidade dos jogadores que estas têm à sua disposição. Será sempre assim em todo o lado do Mundo. O treinador que têm melhor jogadores e que, obviamente, saiba potenciar numa dinâmica coletiva todas as suas potencialidades num patamar de rendimento superior e constant ao longo de uma época desportiva, estará sempre mais perto da vitória. No entanto é com muito interesse que vejo, semanalmente, casos esporádicos de equipas de orçamentos mais baixos que, por inerência do ponto de vista teórico, têm no seu plantel de jogadores de qualidade inferior mas, que fruto da qualidade coletiva resultante do plano estratégico-tático que os seus treinadores montam e preparam durante a semana de trabalho, conseguem equilibrar os jogos, jogando um futebol positivo que dignifica, ao mesmo tempo, a competitividade e o espetáculo da nossa Liga.

P: Tirando uma ou outra exceção, a falta de aposta dos clubes portugueses nos jovens da formação, não fará enfraquecer a seleção Nacional e, por acréscimo, diminuir a competitividade da própria liga portuguesa?

R: Sim. Obviamente esse é um dos riscos que o nosso futebol corre caso não se mudem algumas mentalidades. Felizmente nos últimos tempos e muito devido ao aparecimento das equipas B a competirem nas ligas profissionais, temos visto cada vez mais jovens jogadores portugueses a terem oportunidades de singrarem no futebol profissional após terminarem o seu percurso natural nos escalões de formação. O que temos visto é que a

maioria destes jovens jogadores, quando integrados neste context profissional, demonstram uma aptidao desportiva significativa, o que nos leva a questionar muitas vezes se nao se justificaria uma aposta ainda mais significativa e concreta nesta area de recrutamento.

A seleçao portuguesa de sub-21 é um exemplo concreto das vantagens que as equipas B trouxeram ao nosso futebol. Agora é sustentar o crescimento de todos estes e outros talentosos jogadores que serao o futuro da nossa seleçao principal.

P: Como explica o facto de alguns jovens jogadores portugueses serem muitas vezes aposta em grandes clubes europeus sem terem tido alguns ou poucos minutos no campeonato português? Serà que os clubes portugueses teem mais jeito para encontrarem jogadores estrangeiros do que verem os que estao cà?

R: Sim, esses sao paradoxos que por vezes se criam. Todos os clubes pretendem ter nos seus plantéis os melhores jogadores. A aposta que hoje é feita no scouting de novos talentos é enorme. Assim como os clubes portugueses estao atentos aos jogadores estrangeiros, os clubes estrangeiros estao atentos aos portugueses. O Mercado é global e diariamente adulterado. Por vezes é uma questao de oportunidade. O jogador sair da sua zona de conforto tambem por vezes pode ser positive para a sua evoluçao, apela a sua determinação, superação, ambição e vontade propria de inequivocamente direcionar a sua carreira profissional no sentido do sucesso.

P: Sim, mas hoje em dia dà a sensaçao que fica mais barato comprara um jogador brasileiro, por exemplo, do que formar um jogador português, concorda?

R: Nao necessariamente. O que os clubes precisam é de rendimento imediato no proximo jogo. Por vezes preferem contratar um jogador já com alguma experiência adquirida num context profissional do que apostar num talento da sua formação menos experiente. Temos situaçoes de apostas deste tipo que se traduziram em sucesso e situaçoes em que a aposta foi no jovem da formação que se traduziu em sucesso também. Importante é que esta aposta seja feita criteriosamente de forma a nao prejudicar nenhuma das partes envolvidas (clube/jogador). Se hà qualidade e critério mais cedo ou mais tarde o jogador da formação vai aparecer. O context desportivo e a capacidade de trabalho do jovem jogador define o timing da sua inclusao na equipa principal.

P: Para terminar, em que lugar situava o campeonato português a nivel Europeu?

R: Penso que as ligas inglesa, espanhola e alema se encontram atualmente num nivel muito superior a todas as outras. Depois, numa segunda linha surgem as ligas francesa, italiana (que na minha opiniao terá perdido um pouco do seu protagonismo) e a liga portuguesa.

JOSÉ MARCELINO

Antigo jogador profissional. Treinou o Grupo Desportivo de Gouveia, o Sporting Clube Celoricense, o Grupo Desportivo de Foz Côa, o Grupo Desportivo de Tábua, a Associação Desportiva Caranguejeira, o Grupo Desportivo Bidoeirense e a Associação Desportiva Santiago de Cassurraes.

P: Para si, em que estado geral se encontra o futebol português em termos de transparência?

R: Péssima! O Porto e Benfica continuam a crerem mandar no futebol português ao, alegadamente, escolherem os árbitros para os seus jogos.

P: Quais são, então, as soluções que pode encontrar para, na sua opinião, o campeonato seja mais “limpo”?

R: Aceitarem as ideias que o presidente do Sporting (Bruno de Carvalho) tem para modernizar o futebol português. So assim poderá haver um pouco de transparência no futebol nacional.

P: O que acha da competitividade do futebol português atualmente?

R: Esta época (2014-2015), o campeonato vai ser mais equilibrado, as melhores equipas não vão facilitar e por isso digo que será um campeonato bem disputado.

P: O facto da maioria dos clubes portugueses não apostarem nos jovens da formação poderá ser, a curto prazo, um problema para a seleção Nacional?

R: Enquanto houver um clube como o Sporting Clube de Portugal, a seleção estará sempre bem servida de bons jogadores. Por isso não haverá nenhum problema para a seleção.

P: Quer dizer que, do seu ponto de vista, os outros clubes podem continuar a não apostar na formação enquanto Sporting o fizer?

R: Eles apostam mas falta a esses clubes qualidade e rigor na formação, por isso muito dificilmente um jovem “criado” nessas equipas virá a ser o melhor jogador do Mundo!

P: Nem um Bernardo Silva ou um Ruben Neves?

R: Isso logo se verá

P: A nível distrital, quais são as carências que nota?

R: Falta meios económicos. É muito difícil formar uma equipa com jogadores de qualidade não havendo dinheiro para investir.

P: Pode ser, também, que o desaparecimento da Terceira Divisão Nacional não tenha ajudado os clubes mais pequenos das distritais, tendo diminuído as hipóteses deles de subir devido a divisões de honra muito fortes, não?

R: Isso é verdade. Logo aí pode dizer-se que o futebol em Portugal é um jogo de interesses para “eles”, esquecendo-se dos jogadores medianos que teriam mais hipóteses de jogar em campeonatos nacionais.

P: Quem são “eles”?

R: “Eles” são o presidente da Liga, da federação e sindicato. Só olham para o futebol profissional e o futebol amador para eles não existe.

P: Para concluir. Pensa que a situação do futebol em Portugal pode vir a melhorar?

R: Vai melhorar se o Benfica e o Porto deixarem de olhar para o seu próprio umbigo e aceitarem as ideias que o presidente do Sporting tem para melhorar o futebol português.

MARCIO SAMPAIO

Preparador físico. Trabalhou no Boliquire, Ferreiras, Silves, Olhanense, Sporting Clube de Braga, Servette Genève (Suíça), Al Sharjah (Dubai), União Desportiva de Leiria, Sporting Clube de Portugal B, Sporting Clube de Portugal A, Partizani (Albânia), Al Faisaly (Arábia Saudita) e Zamalek SC (Egito)

P: Para si, em que estado atual se encontra o futebol português?

R: Encontra-se num estado evolutivo, cada vez mais competitivo.

P: Salta à vista que a maioria dos clubes portugueses não aposta suficientemente na formação. O que acha desta situação?

R: É a desconfiança que existe naquilo em que se investe. Os clubes deverão primeiro entender se a formação é uma despesa ou um investimento!

A nossa Liga e Federação também são culpados porque não limita o número de estrangeiros nos campeonatos e isso faz com que os clubes procurem por um produto já formado e mais barato. O que às vezes não significa ser de melhor qualidade mas é a realidade.

Os clubes e treinadores não querem esperar pelo amadurecimento dos jogadores vindo da formação, infelizmente.

P: Acabar com os fundos de investimento poderá ser uma solução?

R: Os fundos de investimento, basicamente, estão à medida dos grandes clubes que procuram grandes jogadores, por preços normalmente diferentes, e que se assim não fosse não seria possível tê-los no clube. Aos pequenos clubes, os fundos de investimento “não aquece, nem arrefece”.

Agora, eu penso que as regras devam ser impostas pelas instituições legais. Em Inglaterra é impossível ter um jogador nessas condições, com o passe dos jogadores a serem partilhados!

P: Essa falta de aposta na formação poderá ser uma problemática para a seleção Nacional?

R: Será sempre mas teremos que ir procurar os jogadores a outros campeonatos, a outras divisões porque existe qualidade. Onde andam os jogadores das seleções Nacionais jovens?

Teremos de o vir buscar e apostar neles.

P: Outra vertente deste problema poderá ser, também, a influência cada vez maior dos agentes de jogadores, não?

R: Mas sem eles o futebol não funciona...

P: Tendo muitos anos no estrangeiro, como é visto o futebol português lá fora?

R: É bem visto porque exportamos muita qualidade quer em jogadores, quer em treinadores.

É preciso ver que nas melhores equipas do Mundo estão ou estiveram jogadores e treinadores portugueses.

P: Voltando à formação. Se um dia for imposto um número máximo de jogadores estrangeiros no campeonato português, seria uma boa iniciativa porque os clubes seriam obrigados a ir buscar os jovens ou seria mau porque o campeonato ficaria com menos qualidade e atratividade?

R: Tem os dois lados mas obrigaria a uma melhor seleção dos jogadores estrangeiros.

P: Por fim, se tivesse que mudar um único elemento no futebol português, o que seria e porquê?

R: Apenas que se fizessem cumprir as obrigações de cada clube como está previsto. Não é possível existirem clubes com ordenados em atraso todos os anos e ninguém ser responsabilizado por isso.

É um calote, prometer-se de pagar e não o fazer!

PAULO SANTOS

Treinou o Arcuda. Atualmente treinador da Seleção Distrital de Leiria

P: Para si, em que estado geral se encontra o futebol português em termos de transparência?

R: A nível profissional, a transparência é aliada dos interesses económicos de certos agentes desportivos. A nível Amador, acredito na isenção. Porque cada vez mais o futebol Amador é mais Amador principalmente no que diz respeito a dirigismo.

P: Essa influência de certos agentes desportivos faz com que os clubes profissionais apostem menos na formação?

R: Claro que sim! Fala-se muito na aposta dos clubes grandes mas vêm jovens de muita qualidade tal como os que já estão nos clubes! Nem todos têm qualidade técnica e mental para as exigências desses clubes. Qualquer miúdo, hoje, já tem empresário e por vezes não tem humildade para saber esperar e depois corre mal.

P: No caso do Bernardo Silva, por exemplo. Serve para um clube rico como o Monaco que poderia ter ido buscar um jogador de renome e até hoje não serviu para o Benfica. Como pode explicar isso?

R: E vai entrando de vez em quando mas no Benfica tinha de jogar. O sistema de jogo do Benfica não favorece os miúdos e acho que o Benfica formata muito os jogadores da formação e depois tem mais dificuldades em adaptarem-se no futebol senior. O Ivan Cavaleiro teve oportunidades. Soube aproveitar? Acho que não! Porque não joga o Bryan Cristante, uma pérola do Milan?

P: A nível distrital o que se deveria mudar urgentemente?

R: O nível dos dirigentes.

P: E como fazer isso?

R: Não é fácil.

P: Se os fundos de investimento fossem proibidos em Portugal, seria um grande golpe para o futebol português?

R: Talvez. Mas era uma ajuda para o futebol da formação.

P: Se pudesse, o que faria para melhorar o futebol português?

R: Obrigatoriedade de todos os treinadores passarem pela formação antes de poderem treinar equipas séniores.

Formação específica para os dirigentes.

Formação para os jogadores (leis de jogo, noções básicas de primeiros socorros, cuidados alimentares, etc...)

P: E de arbitragem?

R: Já tem formação suficiente. Basta que sejam bem dirigidos que tudo corria bem.

P: Para terminar, qual a importância das seleções distritais no panorama do futebol português?

R: As seleções distritais servem para ajudar a descobrir possíveis futuros talentos para as seleções nacionais. Este trabalho é seguido por perto pelos chamados olheiros dos grandes clubes e são estes que mais aproveitam o trabalho realizado. Porque sem chegar aos grandes clubes é difícil fazer parte das seleções nacionais.

Benfica, Porto e Sporting têm os melhores miúdos o que não quer dizer que não existam outros mas a probabilidade é muito menor.

MARCO FERREIRA

Treinou o Pedrogense, o Arcuda, o Pousaflores e a Pelariga. Atual treinador do Sporting Clube de Pombal.

P: Para si, em que estado geral se encontra o futebol português em termos de transparência a nível nacional?

R: O nosso futebol sempre foi fértil em histórias que se contam de estratégias. De maneiras pouco claras de se fazerem as coisas a todos os níveis, ao nível da influência direta sobre o jogo e ao nível da escolha das pessoas que gerem o nosso futebol. Essa é claramente uma imagem de pouca clareza que os nossos dirigentes transmitem para fora, não sabendo vender o nosso produto que tem qualidade para ser vendido melhor. Agora é esta a imagem do nosso futebol que é transmitida para o exterior. Depois se se passam essas coisas “estranhas” ou não, isso já não sei...

P: E como fazer com que esta imagem muda? Será que faz parte dos “genes” do nosso futebol e ficará sempre assim?

R: Os clubes, primeiro, têm que perceber que possuem muito em comum e que so juntos conseguem vender o “nosso” produto. Infelizmente metem-se sempre os interesses de cada um à frente de tudo e aí é difícil achar interesses comuns se so se pensa no sucesso desportivo.

Parece-me complicado uma mudança significativa em breve, embora ache que se o nosso futebol fosse pensado com seriedade e competência seríamos bem mais fortes porque conseguiríamos potenciar aquilo que temos de melhor, ou seja, a qualidade dos nossos jogadores e a qualidade dos nossos treinadores.

P: Por falar nisso, a qualidade do jogador português parece mais reconhecida fora do país do que nacionalmente. Como se pode explicar esse fenómeno?

R: Penso que isso vai mudando aos poucos e já começa a existir bons projetos em Portugal com base no jogador português. Embora, muitas vezes ache que isso é mais por necessidade do que por convicção. Agora o Mercado traz, neste momento, maiores dificuldades aos clubes para aproveitarem os seus maiores talentos. Estes talentos são vistos e descobertos cada vez mais cedo pelos grandes “tubarões” do nosso futebol por isso a tendência é que aqueles que são mesmo bons saiam cada vez mais cedo ficando por cá os outros.

Felizmente as evoluções nem sempre dão para adivinhar e por isso continuarão de certeza a aparecer por cá grandes talentos, mesmo num país tão pequeno como o nosso e tão desorganizado em termos de projeto de base para o nosso futebol.

P: Uma restrição dos jogadores estrangeiros seria uma boa hipótese para aproveitar mais a formação?

R: Em teoria sim mas em termos competitivos tenho muitas dúvidas. Acho que neste momento as equipas B são um projeto e um espaço de qualidade para a evolução dos nossos jogadores.

Mas acho, também, que se condicionarmos os estrangeiros no nosso campeonato, iremos tirar competitividade na maioria dos clubes e também iríamos condicionar a entrada de muito dinheiro nos nossos cofres. Basta ver as grandes vendas do futebol português nos últimos anos.

Principalmente estrangeiros (porque os portugueses saem mais cedo) que, na maioria das vezes, Porto e Benfica vão buscar já caros mas muito jovens. Depois esses clubes potencializam esses jogadores e conseguem vendê-los fazendo consideráveis mais valias financeiras.

P: Essa falta de oportunidades que tem o jovem jogador português no seu país, poderá ser um problema para a seleção nacional a curto/médio prazo?

R: Poderá ser mas principalmente é a falta de projetos sérios e pensados que mais nos condiciona. Agora estamos a colher, goste-se ou não, os resultados da re-entrada de Carlos Queiroz na federação, que voltou a pensar o nosso futebol depois de anos e anos em que ninguém ligou as nossas seleções de base e principalmente a deteção de talentos, tanto no nosso país como nos portugueses espalhados por esse mundo fora, com realce para os filhos dos nossos emigrantes.

O trabalho foi bem continuado por Paulo Bento, Rui Jorge e toda a estrutura e de repente voltamos a ter uma final num Europeu jovem e uma qualificação brilhante nos sub-21. Não é por acaso. É fruto de muito trabalho e do espaço que esses jovens começaram a ter para poder jogar.

P: Os agentes desportivos e fundos de investimento condicionam, também, algumas escolhas?

R: Claro que influenciam e muito! Tudo, clubes e jogadores. Agora tudo depende do prisma com que se analisa. Provavelmente para a maioria dos jogadores tem sido positivo já que lhe criam visibilidade e melhores condições cada vez mais novos.

Quanto aos fundos, são investidores que são muito importantes para um futebol como o nosso porque permitem que passem por cá jogadores com qualidade acima da média o que não seria possível sem eles.

Por isso parece ser uma má estratégia nos virarmos contra esse tipo de soluções. Agora não nos podemos esquecer que são investidores que, naturalmente, querem ter o seu lucro o mais rápido possível.

Acho, por isso, que não podemos adorar os fundos quando nos metam por cá jogadores que não poderíamos comprar e depois chamar-lhes de tudo, na altura da venda, quando querem o retorno do seu investimento.

Acho que têm sido benéfico para o nosso futebol.

P: Na sua área, que meios necessita um clube Amador para ter o máximo de ambição?

R: Os clubes amadores têm de se organizar cada vez mais, de manter os pés bem assentes na terra, de conhecer a sua própria realidade não se deixando condicionar, nem influenciar, as vezes, por clubes que podem mais do que o deles.

Não havendo, cada vez mais, condições financeiras tem de se tentar criar cada vez melhores condições de trabalho para os jogadores que querem estar nesses clubes.

Depois, naturalmente, passa por conseguir nesses clubes, trabalhar com qualidade, tentar fazer bons grupos de trabalho para depois, sim, ter ambição e tentar disfarçar essas condicionantes todas.

Estou a falar da minha realidade em que somos dos clubes mais “humildes” do nosso campeonato sem as condições de outros.

P: A parte financeira para atrair os jogadores ainda existe?

R: Mesmo no nosso campeonato (Divisão de Honra da A.F. de Leiria) tenho a certeza absoluta que sim, pelo menos atrás de promessas desse género, não tendo a certeza, depois, do cumprimento das mesmas. Mas sei que perdi algumas hipóteses de jogadores, na pré época, para os clubes à nossa volta por ainda haver diferenças significativas a esse nível. E não estou a falar dos principais candidatos à subida onde as diferenças são maiores.

P: Essa maneira de atrair jogadores já provou no passado que permitia mais competitividade mas só a curto prazo. Alguns desses clubes desceram de escalão ou acabaram mesmo por desaparecer. A liga e/ou federação, entre outras instituições, não deveriam ajudar mais os clubes amadores para serem mais competitivos a longo prazo e aumentar, assim, a qualidade de todos os campeonatos?

R: Claro que sim. Mas à outra escala é o que se passa nos principais clubes. Muitas vezes a procura é a do sucesso rápido e imediato sem pensar nas consequências.

P: Última pergunta. O que o faz continuar a treinar sabendo que tem que lutar contra muitas coisas extra futebol e que não seja só pela beleza do desporto?

R: Primeiro: a paixão por este desporto. Depois a paixão que tenho pelo treino, pelo acreditar na evolução das equipas.

Por fim, não pensar muito nisso e a este nível acreditar no contrário, que mesmo havendo clubes mais influentes do que outros, que todos os agentes desportivos tentam o melhor para os seus interesses sem querer prejudicar deliberadamente outros.